

## RELATO DE CASO: HEMANGIOMA AURICULAR EM CÃO

JÉSSICA PAOLA SALAME<sup>1</sup>; MATHEUS RUIS DIAS MILAN DE SOUZA<sup>2</sup>;  
CAROLINA BERMANN DOS SANTOS<sup>3</sup>; FERNANDA DAGMAR MARTINS  
KRUG<sup>4</sup>; SABRINA DE OLIVEIRA CAPELLA<sup>5</sup>; MARCIA DE OLIVEIRA NOBRE<sup>6</sup>;

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – [dassi.jessica@hotmail.com](mailto:dassi.jessica@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – [matheus.rdsm@gmail.com](mailto:matheus.rdsm@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pelotas – [carolbermann@hotmail.com](mailto:carolbermann@hotmail.com)

<sup>4</sup> Universidade Federal de Pelotas – [fernandadmkrug@gmail.com](mailto:fernandadmkrug@gmail.com)

<sup>5</sup> Universidade Federal de Pelotas – [capellas.oliveira@gmail.com](mailto:capellas.oliveira@gmail.com)

<sup>6</sup> Universidade Federal de Pelotas – [marcia.nobre@ufpel.edu.com](mailto:marcia.nobre@ufpel.edu.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Os hemangiomas são tumores benignos, não invasivos, não metastáticos e considerados uma enfermidade comum em cães, podendo também ser diagnosticado em gatos, cavalos, vacas, ovelhas, suínos e ratos (Santos *et al*, 2012), que têm ascendência nas células endoteliais que revestem os vasos sanguíneos (Harvey e Markwell, 2008). O fator desencadeante de um hemangioma é desconhecido, porém, acredita-se que seu aparecimento possa estar relacionado à excessiva exposição à luz do sol. Os locais mais comuns de ocorrência do tumor são: no baço em 50% dos casos, na aurícula direita em 25% dos casos, no tecido subcutâneo em 13% dos casos e no fígado em apenas 5% dos casos (Santos *et al*, 2012).

Estes tumores podem ser identificados como nódulos na derme ou no tecido subcutâneo, podendo haver variações quanto a seu tamanho. Mais corriqueiramente, medem entre 0,5cm a 4cm de diâmetro. São firmes, normalmente isolados e raramente tornam as áreas alopecias, são bem delimitados, de contorno arredondado e sua coloração pode variar do vermelho ao vermelho-escuro. Ulcerações e hemorragias são alterações frequentes (Witschel e Font, 1976; Santos *et al*, 2012).

Dependendo de espaços sanguíneos e da abundância de células endoteliais envolvidas, os hemangiomas são classificados em três tipos: hemangioma capilar, o qual possui dimensões sanguíneas de pequenas a médias e com escassa quantidade de tecido celular; hemangioma cavernoso que contém amplos espaços sanguíneos; hemangioma hipertrófico que possui grande quantidade de células e ambientes sanguíneos mínimos (Correa *et al*, 2007).

O diagnóstico presuntivo pode ser dado através anamnese, levando em conta a raça do animal, idade do mesmo e alterações visíveis ao exame físico. No hemograma completo e no perfil bioquímico não são observadas alterações. Os níveis séricos de fosfatase alcalina e da alanina aminotransferase, no caso de um hemangioma hepático, podem estar alterados. Exames radiológicos do tórax e do abdome podem ser utilizados para identificar nódulos. O diagnóstico definitivo é obtido ao se realizar um exame histopatológico de amostras de biópsia ou coletadas por aspiração com agulha fina, ou ainda por impressão da massa tumoral (Santos *et al*, 2012).

Cirurgia é o tratamento de eleição para o hemangioma e o prognóstico é favorável e, se realizada de forma correta, não há relatos de reincidência. A ressecção deve ser a mais agressiva possível, devendo sempre respeitar as margens de segurança (2cm a 3cm em todos os planos ao redor do tumor) para que seja feita a excisão completa de todos os tecidos afetados (Santos *et al*, 2012).

O objetivo deste trabalho relatar um cão com queixa de aumento de volume auricular com aspecto clínico inicial de otohematoma, porém, após análise histopatológica foi caracterizado como hemangioma.

## **2. METODOLOGIA**

Foi atendido no Hospital de Clínicas Veterinárias da Universidade Federal de Pelotas/RS, Campus Capão do Leão um canino, macho, de raça daschund com a queixa de aumento de volume sem causa provável na orelha esquerda com aparição há 2 semanas, na superfície côncava, caracterizando um otohematoma, sem histórico de agitação ou batida no local.

No exame clínico, estava com frequência respiratória, cardíaca e temperatura corporal dentro dos valores de referência. No exame específico foi constatado reação de dor no local, com edemaciação, mole, flutuante e cheio de líquido, sem presença macroscópica de ectoparasitas, nem odor no pavilhão auricular. Foi solicitado exame parasitológico, micológico e bacteriológico de material auricular direito e esquerdo coletado.

O animal foi encaminhado para procedimento cirúrgico e solicitado hemograma e dosagem de enzimas hepáticas e indicadores renais como exames pré-cirúrgicos. O procedimento foi indicado para drenagem do material a fim de reestabelecer a condição fisiológica e estética da orelha, a técnica utilizada de incisão em "S", consistiu em drenagem do otohematoma e colocação de dreno.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Não foram encontrados ectoparasitas e outros agentes patológicos na amostra de material auricular analisada, e tanto o hemograma quanto os indicadores renais e enzimas hepáticas estavam dentro dos valores de referência.

Durante o procedimento cirúrgico para drenagem do conteúdo, notou-se um tecido exuberante entre a cartilagem e a pele que foi encaminhado para análise anatomopatológico pelo laboratório regional de diagnóstico da UFPEl, onde macroscopicamente foi identificado como um nódulo cutâneo, medindo 3,0x2,0x0,5 cm de diâmetro, massa de aspecto verrucoso, macio ao corte e de coloração moteada, e como achado microscópico foi descrito uma massa constituída por grandes espaços vasculares, delimitadas por células endoteliais monomórficas. As paredes desses vasos rudimentares eram espessas e constituídas por septos onde havia deposição de material hialino e amorfo. No interior desses grandes vasos neoformados havia sangue. Trombose e necrose do tecido adjacente foi também observada, caracterizando assim um hemangioma auricular.

Há duas possíveis relações para o caso clínico devido à inexistência do conhecimento da causa do otohematoma. Isso nos leva a pensar na hipótese de um possível hemangioma pré-existente, que segundo Correa (2007) é causado por um crescimento excessivo do vaso sanguíneo, e este ao ser lesado pode ter levado a um sangramento exacerbado podendo ser a causa do otohematoma.

Já a segunda hipótese se baseia no aparecimento do otohematoma com causa traumática desconhecida, que pode variar de uma compressão da orelha, coceira, otites, alergia, entre outras causas (GRAÇA, 2010; LEITE, 2010), e isso

ter acarretado em um aumento de volume sanguíneo localizado e consequente aumento anormal dos vasos, esta hemorragia auricular origina-se entre a cartilagem da orelha e pele da superfície côncava, embora esta esteja firmemente aderida à cartilagem, ao contrário da pele da superfície convexa que é pouco aderida (GRAÇA, 2010). Nos dias seguintes à sua formação, os otohematomas apresentam-se quentes ao toque, e a pele que os recobre apresenta-se ruborizada, e os animais apresentam-se bastante incomodados pelo aumento de peso da orelha e por vezes podem até mesmo sentir dor (MARIGNAC, 2005). Com a maturação do hematoma ocorre a lise da fibrina, passando o conteúdo do hematoma a ser constituído por um conteúdo de aspecto serosanguinolento (GRAÇA, 2010), esta fisiopatogênica pode estar relacionada com a origem do hemangioma encontrado.

#### 4. CONCLUSÕES

Foi relatado um caso clínico em cão com queixa de aumento de volume auricular com aspecto clínico inicial de otohematoma, porém, após análise histopatológica foi caracterizado como hemangioma.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORREA, P. H. *et al.* **Prevalência de hemangioma, malformação vascular e variz de boca numa população brasileira.** Braz. oral res. [online]. 2007, vol.21, n.1, p. 40- 45. ISSN 1806-8324.

GRAÇA, J. C. L. **Otohematoma – Estudo Retrospectivo de 6 anos: Possíveis etiologias.** Dissertação de Mestrado. Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Medicina Veterinária. p. 1-120. 2010.

HARVEY, R, e MARKWELL, P. (2008). **Manejo da atopia em cães.** Waltham News. Acedido em 2015, disponível em: <http://pedigree.com.br/IMG/pdf/WalthamNewsJan08.pdf>

SANTOS, I.F.C. *et al.* Hemangioma cutâneo canino. **Revista de Educação Continuada em Dermatologia e Alergologia Veterinária;** 2012; 2(2); 39- 43

MARIGNAC, G. (2005). **Diseases that Affect the Pinna.** In L.N. Gotthelf(Ed.), Small Animal Ear Diseases: An Illustrated Guide. (2nd ed.). (pp. 235-263). St.Louis: Elsevier Saunders. In: GRAÇA, J. C. L. Otohematoma – Estudo Retrospectivo de 6 anos: Possíveis etiologias. Dissertação de Mestrado. Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Medicina Veterinária. p. 1-120. 2010.

LEITE, A. R. A.; FILGUEIRA, F. G. F.; CARNEIRO, R. S.; FERNANDES, T. H. T.; NUNES, G. D. L.; MARINHO, P. V. T.; NÓBREGA NETO, P. I. **Otohematoma Secundário a Otite Externa Bilateral em coelho:** Relato de Caso. X Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão – JEPEX – UFRPE – Recife. p. 1-3. 2010.

WITSCHER, H., e FONT, R.L. Hemangioma of the choroid. A clinicopathologic study of 71 cases and a review of the literature. **Survey of ophthalmology**. 1976, Vol. 20, p.415-431.